

Moca no Supremo*

Eram Sá Torrado e Moca. De encosto morando no mesmo quarto, também o primo Celso, cara pintada, ovelha no rebanho. Todos sob a dureza e o amparo valente de Sá Torrado (José Ramos Reinaldo), o que marcava a hora de estudar, ou melhor, de comer, sair ou dormir, porque estudar era as horas de todo o dia, a regra, e viver simplesmente a exceção.

Moca se destacava apenas pelos olhos de engole-cobra e pela fraterna obediência às ordens de Sá Torrado, que entregava ao livro todas as horas e minutos de todos os dias. Nunca vi uma pessoa estudar tanto, dar tanto de sua pessoa e das outras opções da vida às lições do colégio.

Tínhamos saído do internato de Padre Emídio, no Pio XI, e passado para os quartos da pensão Borborema, vizinha ao cine Babilônia de Campina Grande. Para quem havia largado um internato, a pensão era um espetáculo, nem tanto pela boa comida servida também aos hóspedes no Banco do Brasil ou pela sensação de liberdade, mas principalmente pelas virtudes perturbadoras da proprietária, uma balzaquiana que o que perdia em cara tirava a diferença nos quadris. Aquilo nos tirava as intenções de tudo, do prato, das lições. Dormíamos e acordávamos enrolando o friozinho de Campina naquelas imagens.

Os irmãos Reinaldo eram discretos, sosnos, talvez os que mais sofressem diante dos encantos respeitosos de D. Gercina, encantos que só nos rendiam suspiros.

Das centenas de amizades dessa quadra feliz, porque saudosa, Zé Ramos e Moca são das poucas que se sobrepuseram ao tempo e às distâncias, eu me lembrando deles sempre que me lembro de mim mesmo, naquela idade, a única promissora de toda a vida.

Não sei de Zé Ramos hoje. Formou-se, andou curando pela Paraíba e Pernambuco, e se encobriu no tempo e no horizonte. Moca, o irmão discreto e cordato que a Paraíba formou em Direito, fez-se juiz e terminou presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco. Terminou não. Está na lista das cogitações jurídicas e políticas do País para ingressar no Supremo Tribunal Federal ou no Superior Tribunal de Justiça, nesses próximos dias.

Destino? Ou o regime de Sá Torrado, procurador fiel do velho Ananiano Ramos, que talvez nem esperasse tanto lá dos confinados horizontes da Prata?!

* Correio da Paraíba, Domingo, 28/4/1991.